

Tema 11: Os Sacramentos de Cura e do Serviço Eclesial

1. Os Sacramentos de Cura: Reconciliação e Unção dos Enfermos

O SACRAMENTO DO ENCORAJAMENTO RECONCILIAÇÃO: ENXERTAR-SE DE NOVO NO CRISTO-TRONCO

Constata-se, hoje, que o sacramento da confissão (ou Reconciliação) passa por um descrédito. São várias as causas, uma delas é a *perda do sentido de pecado*. Para muitos, não existe pecado, outros não sabem bem o que seja. Por outro lado, houve uma *banalização da confissão*, como algo muito mecânico e rotineiro.

O pecado é como o vírus no computador, onde ele entra vai danificando. Na maioria das vezes, sem a gente perceber ou se dar conta do estrago que ele faz. No plano das relações humanas o pecado acaba primeiro com o outro. O pecado fere nossa relação com Deus e com o próximo, a quem nós devíamos amar incondicionalmente. Basta dizer que, quem ama realmente, sabe o que é a ofensa à pessoa amada. Pecado é não ter um coração de filho. Pecado é uma ruptura entre o homem e Deus. É cortar o ramo do tronco. Pecado não é só “fazer as coisas erradas”, mas é também deixar de fazer as coisas certas.

Quando temos um problema pessoal não conseguimos resolver sozinho, por mais capacitado que sejamos. Quando nos sentimos atormentados, insatisfeitos, infelizes com nosso modo de ser e de agir, sentimos uma necessidade, como que um imperativo, de procurar alguém de inteira confiança pra desabafar, repartir a carga, consultar, ouvir a opinião, um conselho, alguém que nos mostre um rumo, uma direção. Numa situação dessas só a oração, não adianta [não resolve completamente]...

Assim como as flores, nós também precisamos de cuidado. Não basta só plantar, regar, adubar, etc. As podas também são necessárias. Não se poda uma planta para não ter liberdade, poda-se uma flor para que ela possa crescer no rumo certo. As podas também são momento de crescimento. E tem as horas certas para que a planta não desfaleça completamente. Recorrer ao sacramento da reconciliação é reconhecer a necessidade de realizar as podas necessárias e para re-enxertar-se de novo no Cristo-Tronco. Como ele mesmo afirmou: “Eu sou a videira verdadeira e meu Pai é o agricultor. Ele corta todo ramo que em mim não dá fruto, e poda todo aquele que dá fruto, para que produza mais” (Jo 15,1-2).

a) Dimensão existencial do perdão e necessidade da Reconciliação

A Reconciliação é sempre uma celebração do amor. Supõe a dimensão da fé: a consciência de ter ofendido o amor de Deus e o amor do irmão. Quem peca e se arrepende sente a necessidade de um coloquial filial de amor com o Pai, reconhecendo humildemente suas faltas, disposto à reconciliação com Deus e com os irmãos, disposto também a perdoar.

São João alerta: “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odiar o seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4,20).

Segundo o ensinamento de Jesus, a reconciliação tem prioridade em relação ao culto: “Quando tu estiveres levando a tua oferta para o altar e ali te lembrares que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão. Só então vai apresentar a tua oferta” (Mt 5,23-24). A oferenda a Deus seria inútil, se o coração do oferente persistisse na inimizade, na discórdia e no ódio.

O pensador brasileiro Roberto Crema, que cai bem para esta reflexão. Ele diz: “Ninguém muda ninguém; ninguém muda sozinho; nós mudamos nos encontros”.

☞ **É sempre oportuno se perguntar: Como anda nosso relacionamento com Deus e com o próximo?**

Este não é um momento para exame de consciência, mas para tomada de consciência de que são os encontros que fazem a diferença em nossa vida e em nossa história. Vinícius de Moraes dizia: “A vida é a arte do encontro, embora haja tantos desencontros pela vida”.

Quem não aprende a perdoar, fica asfixiado. Acumular mágoas e ressentimentos, no curso da vida, é diminuir a expectativa de vida do nosso coração. Nossas veias ficam todas fechadas, não demora muito e o nosso coração não palpitará mais.

Quem vive magoado, não tem qualidade de vida, não tem paz. O poeta Shakespeare adverte: “guardar ressentimento é tomar veneno e esperar que o outro morra”.

Por mais injustiçados que já tenhamos sido a atitude mais racional diante das situações da vida é o perdão.

A mágoa nos torna pequenos e empobrecidos, além de nos causar inúmeras enfermidades de acordo com muitos dados científicos.

Muitos dizem: “Deixa isso pra lá. Esqueça. Ponha uma pedra em cima e toca a vida pra frente...”

E então o que você acha: Perdoar é esquecer?

Só o tempo vai dizer se é possível esquecer. Perdoar é libertar-se, desamarrear-se, desprender-se... Perdoar é doar-se!

Etimologicamente a palavra perdão tem sua raiz latina: *per + donare*: doar-se intensamente.

Quem perdoa se doa totalmente ao outro, gratuitamente, sem querer ou esperar algo em troca. Quem perdoa de fato não faz concessões, não oferece meio-perdão, nem perdoa em parte, pela metade, mas “a fundo”, totalmente, como Deus nos perdoa. Quando perdoamos alguém, rasgamos totalmente a dívida que aquela pessoa tinha conosco. Não sobra nada. Não há espaço para acusações sobre o outro.

Sem humildade não há possibilidade de perdão. Humildade é estrada de mão dupla: é preciso ser humilde pra pedir perdão: Sem humildade é impossível pedir perdão pelo erro cometido. Você sequer consegue aceitar que errou, quanto mais pedir perdão pelo erro; e ser humilde pra perdoar: senão a auto-suficiência pode cegar, não enxergando o humano que há em cada um de nós.

Se você quer aprender a perdoar e a ser perdoado seja humilde! O perdão é para os humildes. Por isso os arrogantes dificilmente fazem a experiência do perdão, porque requer humildade.

b) Dimensão teológica do Sacramento da Reconciliação

Se o Batismo nos faz nascer para a vida nova da graça, a Reconciliação nos faz renascer para graça quando a perdemos por nossos pecados.

“O mesmo Cristo que te gerou para a graça pela água do **batismo**, que te ungiu para as lutas da fé pela **crisma**, te abençoou para o **amor matrimonial**, que colocou um **ministro ordenado** para guiar-te na comunidade-igreja, o mesmo Cristo que se tornou alimento na **Eucaristia** para estar unido a ti, que quer te **ungir** para te encorajar nas horas de fraqueza e debilidade, esse mesmo Cristo, pela **Reconciliação**, te levanta de tuas quedas e te recoloca, pelo perdão, no caminho do amor...”

A Reconciliação é também um evento trinitário: Deus Pai recebe o filho penitente arrependido, que volta para ele; Cristo toma a ovelha extraviada nos ombros e a reconduz ao aprisco; Deus Espírito Santo santifica o templo de Deus e habita nele mais abundantemente.

Nas origens do Cristianismo, a Reconciliação era uma verdadeira **celebração comunitária**: o pecador público era afastado da Comunidade (cf. 1Cor 5,1-13; 2Cor 13,10; 2,1-11; 2Ts 3,6-15; 1Tm 2,1-12). Era imposta, perante a Comunidade, uma longa e severa penitência ao pecador público; ele se afastava, cumpria a penitência e somente então voltava e o bispo lhe impunha as mãos para a absolvição; a Comunidade o recebia de volta e ele recomeçava a participar dela.

O Sacramento da Reconciliação já teve várias nomenclaturas. Cada uma delas indica um aspecto. Vejamos:

Chama-se **sacramento da Conversão**, pois realiza sacramentalmente o convite de Jesus à conversão, o caminho de volta ao Pai, do qual a pessoa se afastou pelo pecado.

Chama-se **sacramento da Penitência** porque coroa um esforço pessoal e eclesial de conversão, de arrependimento e de satisfação do cristão pecador.

É chamado **sacramento da Confissão** porque é a declaração dos pecados diante do sacerdote. É elemento essencial deste sacramento. Num sentido profundo esse sacramento também é uma “confissão”: reconhecimento e louvor da santidade de Deus e de sua misericórdia para com o homem pecador.

É chamado **sacramento da Reconciliação** porque dá ao pecador o amor de Deus que reconcilia: “Reconciliai-vos com Deus” (2Cor 5,20). Quem vive do amor misericordioso de Deus está pronto a responder ao apelo do Senhor: “Vai primeiro reconciliar-te com teu irmão” (Mt 5,24).

O termo sacramento da Reconciliação é o mais completo de todos e deveria ser o mais utilizado por nós. Reconciliação é ato de fé e de amor que nos conduz à conversão de vida e de costumes.

A conversão não é um ato isolado, mas um processo constante na existência do cristão. Dura tanto quanto dura a sua vida. Não é um fato que diz respeito somente às pessoas individualmente, mas também aos grupos humanos, às instituições e estruturas sociais enquanto criadas e dirigidas por pessoas humanas, livres e responsáveis. Além disso, a conversão é reconciliação com Deus, consigo mesmo e com os outros, pois supõe a superação da ruptura radical que é o pecado.

A conversão é um Dom que vem de Deus “rico em misericórdia” (Ef 2,4) e que se oferece aos homens, como iniciativa do seu amor, em Jesus Cristo, mediador do perdão e da graça. “Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). É Jesus Cristo, o Bom Pastor, que busca a ovelha perdida e que dá sua vida pelo rebanho; é Ele mesmo quem oferece ao homem os múltiplos caminhos de conversão e de reconciliação. Ele é a nossa reconciliação, como diz São Paulo: “Tudo isso vem de Deus, que nos reconciliou consigo por Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação. Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo, não imputando aos homens as suas faltas e colocando em nós a palavra da reconciliação” (2Cor 5,18-19).

c) A prática da Reconciliação (Confissão) e seus frutos

No nosso dia a dia temos às vezes doenças corporais e recorremos ao médico e remédios. Na nossa vida espiritual temos este grandioso sacramento da reconciliação ou confissão para todos os momentos em que fraquejamos na nossa vida espiritual. Apesar de conhecermos o que não devemos fazer, muitas vezes dizemos não a Deus.

O Sacramento da confissão ou reconciliação é a celebração do perdão de Deus quando nos afastamos Dele e dos irmãos. Este sacramento consiste na confissão dos pecados diante do Sacerdote e, pela absolvição sacramental, Deus concede o perdão e a paz. É a 2ª tábuca de salvação depois do naufrágio que é a perda da graça pelo pecado.

Neste sacramento experimentamos o que de maior que existe: O perdão, que é a máxima expressão do amor, da bondade, da misericórdia de Deus. O perdão é a atitude que mais nos aproxima de Deus.

A confissão deve ser sempre uma expressão de conversão, de mudança real de vida, no modo de pensar e no modo de agir. É uma grande reconciliação com Deus, com a Igreja, e com os outros e com você mesmo.

O Sacramento da reconciliação é uma ocasião para você crescer, eliminar suas faltas e pecados; tornar-se melhor diante de si, dos outros e de Deus. Ele nos ajuda a formar a consciência contra nossas más tendências, a progredir na vida espiritual e a crescer na amizade com Jesus Cristo.

A confissão é a reconciliação com Deus e com o próximo necessariamente. Não posso pedir perdão a Deus e continuar de mal com o próximo. É uma ação simultânea: um supõe o outro.

Só Deus perdoa os pecados. O padre, mesmo sendo homem com os outros homens, está ali em nome de Deus e da Igreja para absolver os pecados. Ele é o ministro do perdão (Jo 20,21-23) e é intermediário ou instrumento, assim como os pais o são para transmitir a vida, como o médico é para restituir a saúde física.

No sacramento da confissão é Deus que nos acolhe e nos abraça. Devemos conservar em nós o desejo de pedir perdão sempre que erramos.

Ao aproximarmos deste sacramento devemos ter o cuidado de nos preparar bem para ele, seguindo todos os passos para uma boa confissão que veremos mais adiante: Chegou o dia de nos confessar.

O sacramento da Reconciliação nos liberta (o pecado nos escraviza), aumenta a nossa confiança em Deus, e faz sentir mais viva a presença e o amor de Deus.

O sacramento da Confissão nos devolve a graça do batismo que perdemos ao cometer pecados.

A confissão ajuda a repartir a angústia, o remorso do pecado que nos atormenta e nos levam a descobrir novos caminhos de libertação e felicidade. No plano psicológico também nos ajuda libertar de doenças por causa da paz de espírito que ele nos proporciona.

No Sacramento da Reconciliação recuperamos a graça do batismo perdida pelo pecado.

- **IMPORTANTE:** Não existe “*pecado sem querer*” (se isto acontece, é porque já adquirimos o vício de o praticar e assim, cometemos). Para que haja pecado, o ato deve ser proposital e livre. Não há pecado se não houver consciência e liberdade. Por isso, na *confissão* você deve *acusar* aquilo que tem culpa de verdade. Pode acontecer que você não sinta remorso ou dor na consciência, mas mesmo assim pode ter culpa por um ato praticado. Por exemplo, em se tratando de um pecado de maior gravidade, um assassino pode não ter remorso por ter cometido um crime contra a vida, mas seu ato continua sendo muito grave e sendo pecado.

d) O Exame de Consciência

“Levantar-me-ei e irei a meu pai, e dir-lhe-ei: Meu pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado de teu filho “. (Lc.15,18-19).

Ele deve nos ajudar a repensar nossa vida consigo mesmo, com o próximo, com o mundo, com a comunidade de fé e com Deus.

Um bom exame de consciência evita alguns vícios dos penitentes e a “torração da paciência” na hora da confissão. Aqui não se quer fazer piada, mas esclarecer como confessar-se de modo mais adequado.

- a) *Procurar ser bem sincero, dizer quanto tempo faz que confessou a última vez.* Não querer enrolar o padre: “pra encurtar a conversa, seu padre, eu só não matei nem roubei...” O padre pode até supor que o fulano já bateu na mãe, no papa, etc e tal...

- b) *Não deixar a rotina e a mesmice tomar conta de sua vida.* Como aquele penitente que chega e diz: “sr. Padre, os meus pecados são os mesmos, com as mesmas”. Isso denota um desconhecimento profundo das raízes do pecado e que a pessoa já virou um fantoche...
- c) *Na confissão acusar seus próprios pecados.* Há pessoas que chegam para se confessar e ficam confessando os pecados dos outros: “seu padre, eu tenho uma sogra, ah se o sr. soubesse... eu tenho um cunhado...” e por aí vai...
- d) Há penitentes que vão ao confessorário para contar “virtudes” e não pecados: começam narrando todas as boas obras que praticam, sua honestidade, seus deveres cumpridos... e no meio da longa lista de bondades descontam, deixam camuflados seus “pecadinhos”... **Falta conhecimento de si e humildade!**
- e) Há penitentes que chegam e ao invés de contar seus pecados contam o contexto todo que aconteceu o pecado e criam histórias e mais histórias: “sabe, seu padre, outro dia, eu sai de casa, eram 8h30, não não, eram 8h15, aí, na esquina da rua tal com a rua tal encontrei, sabe quem? Era meu compadre...”
- f) *Deus quis nos dar mediações para nos aproximarmos mais dele, do seu amor e da sua misericórdia.* Jesus é a maior prova disso, vindo ao mundo e assumindo a nossa humanidade. Há aqueles por alguns motivos inventam desculpas, e dizem: “Ah eu confesso diretamente com Deus”. Mas então me diga: qual a certeza humana que você tem da resposta, da solução, do perdão de Deus?
- g) Muitos questionam: “Padre é homem, é gente como eu, porque confessar com ele?” – Olhe, dê graças a Deus que o padre é gente como você. Já imaginou você ter que confessar com um Anjo, que não iria entender “bulhufas” de suas raivas e outros pecados? E você não procura um médico, um advogado, um professor? – Por que, se eles são gente como você? Se você acredita que o padre juntamente com a comunidade tem o poder de tornar Cristo presente no mundo pela Eucaristia, por que você não acredita que ele pode, em nome de Deus, perdoar os seus pecados?
- h) *Há penitentes que não se confessam porque não estão totalmente convencidos de que é preciso uma mudança de vida e do coração.* E aí caem no clichê: “Não adianta, eu caio de novo!” – Uai, caiu? Levante-se”. O fato de confessar não quer dizer que nunca mais cairá no pecado. Mas para confessar é preciso ter um firme propósito de se converter, de evitar o pecado. Uma confissão bem feita sempre é um remédio, uma força. É um ato de humildade e de fé que, quando consciente, por amor, ajuda a ir em frente e a evitar o rotineiro.
- i) Alguns alegam que deixaram de confessar por que “o padre ficou ‘brabo’, destratou-me e eu não voltei mais...” O padre que procede assim está errado. Sua atitude deve ser daquele que está para acolher bondosamente o pecador, como Cristo fazia. Mas, convenhamos que a “brabeza” ou o “pito” do padre não é motivo para abandonar esta prática sacramental...

A confissão não precisa ser seca, fria, rápida, automática. Mas precisa ser preparada. Existe diferença entre **confissão** e **aconselhamento**. As pessoas nem sempre distinguem isso. A maioria procura a confissão, mas quer mesmo é um aconselhamento...

Às vezes as pessoas se martirizam com os “pecados por pensamento”. É bom não confundir pecado com tentação. Pensamento que a gente não quer e não consentiu não é pecado. É como mosca rondando a cabeça da gente. Pensamento que é pecado é aquele que a gente consentiu, cultiva, gosta de ficar pensando, demorando, apesar dos avisos da consciência.

A confissão é válida sacramentalmente e é frutuosa na medida em que houver sincero arrependimento e onde houve transparência, sem omissões [não oculte nenhum pecado grave, pois sua consciência não ficará tranqüila]. Percebido o mal que se fez, arrependemo-nos, com o propósito de nos corrigir, de evitar as ocasiões que nos levaram ao pecado.

Nossos pecados, por maiores que sejam, na confissão tornam-se uma gotinha d'água que cai no oceano da misericórdia de Deus, são um grãozinho de areia que o mar do amor de Deus faz desaparecer.

A confissão é antes e acima de tudo um gesto de amor. Não é só um “desabafo”, uma terapia psicológica, apenas para “sentir-se bem”, embora tudo isso possa acontecer. O sacramento da Reconciliação é a misericórdia redentora de Deus que se exprime pelo poder santificador da Igreja.

Por este sacramento somos re-enxertados de novo ao Cristo-tronco, recebendo a seiva da vida divina, da graça, pela ação do Espírito Santo, para poder, de novo, produzir os frutos da vida cristã na vida de comunidade.

Ato de Contrição

Meu Deus, eu me arrependo de todo o coração de vos ofendido, porque sois tão bom e amável. Prometo, com a vossa graça, esforçar-me para não mais pecar. Meu Jesus, Misericórdia. Amém!

LEMBRETES REVITALIZANTES

1. O itinerário penitencial tem o seu centro na conversão, e no perdão que Deus misericordioso nos dá, através da Igreja. Por isso, na catequese e na celebração do Sacramento devem acentuar-se todos os seguintes elementos fundamentais: consciência do pecado e vontade de conversão (contrição), manifestação da conversão por sinais e palavras (confissão), manifestação da conversão através de gestos de caridade e justiça (satisfação), celebração da reconciliação e do perdão de Deus (absolvição).

2. A reconciliação sacramental supõe e implica a reconciliação real. Quem celebra o Sacramento deve sentir-se comprometido a viver e realizar a reconciliação na sua vida pessoal e social, pois a penitência implica a justiça. Urge recuperar e recriar o ato da satisfação, para que este represente uma verdadeira mudança de vida.

3. A penitência implica uma dupla dimensão: pessoal e comunitária. Por isso, na pastoral da reconciliação há que procurar um equilíbrio entre a responsabilização pessoal e a expressão da solidariedade comunitária.

4. A Igreja inteira deve esforçar-se em todos os momentos e circunstâncias por viver reconciliada e ser reconciliadora. O ministério da reconciliação diz respeito a todo o cristão, ainda que sob formas diferentes, pelo fato de todos serem responsáveis e continuadores da missão reconciliadora de Cristo no seio do mundo. Por isso, urge propor aos leigos, que na sua especificidade laical e secular, promovam a reconciliação através da correção fraterna, da promoção do diálogo, da resolução de conflitos, do perdão das ofensas, da promoção da paz, seja a nível familiar, social ou político. Seria de desejar a criação de centros de acolhimento e de reconciliação onde se pratique a escuta, o diálogo e o aconselhamento: serviço que poderá ser feito por sacerdotes, mas também por leigos devidamente reconhecidos para tal.

UNÇÃO DOS ENFERMOS: O SACRAMENTO DA SOLIDARIEDADE CRISTÃ

Com o sacramento da Unção dos Enfermos a Igreja acode em ajuda a seus filhos que passam pelo sofrimento humano, com um cuidado samaritano àqueles que estão em perigo de vida, por enfermidade grave ou velhice. Nestes momentos difíceis e importantes da vida, Deus não nos deixa sozinhos, mas faz-se presente para nos socorrer com sua graça e sua misericórdia. O sacramento da Unção dos enfermos proporciona ao cristão a graça para vencer as dificuldades inerentes ao estado de enfermidade ou velhice.

A Unção dos Enfermos é a cura. A doença nos mostra que somos limitados. A doença é também sinal de nossa falta de fraternidade, de nosso pecado. Deus cura a doença e a raiz da doença. Deus está presente em nosso esforço de arrancar o mal pela raiz. É o que celebramos na Unção dos Enfermos. A Unção dos Enfermos é a cura.

Pela sagrada Unção dos Enfermos e pela oração do presbítero, a Igreja toda entrega os doentes aos cuidados do Senhor sofredor e glorificado, para que os alivie e salve. Exorta os mesmos a que livremente se associem à paixão e à morte de Cristo e contribuam para o bem do povo de Deus.

Não podemos rotular o Sacramento da Unção dos Enfermos como sinal de morte próxima, mas sim um Sacramento que podemos receber mais de uma vez quando passamos por doenças graves que necessitam de cuidados. Costuma-se na celebração o padre dar ao doente o Sacramento da Confissão, com o propósito do doente também arrepender-se de seus pecados.

Antigamente, o Sacramento da Unção dos Enfermos era chamado Sacramento da extrema-unção dos Enfermos. Essa visão já foi superada, pois este sacramento não é o "sacramento da morte", como muitos imaginavam. O problema é que muitos deixavam para chamar o padre quando o doente estava nas últimas.

Um importante requisito para a realização do Sacramento é a vontade do doente querer recebê-lo, ou seja, não adianta a família querer impor algo que o próprio doente não deseja (isso não vale só para esse Sacramento, mas sim para todos os outros). A família pode aconselhá-lo, chamar o padre à casa do doente, mas não impor o Sacramento sem a vontade e a consciência do doente. Se o doente quiser e tiver a consciência da importância do Sacramento, aí sim, o Sacramento terá muitos frutos e graças.

A Unção dos Enfermos é o sacramento da salvação total, do corpo e do espírito ao mesmo tempo. É o sacramento da esperança, porque ajuda o doente a entregar-se confiante nas mãos de Deus.

Jesus sempre teve um grande carinho pelos doentes. Quando os judeus os desprezavam, porque consideravam a doença um castigo de Deus, Ele acolhia com amor e os curava.

"E passando Jesus, viu um cego de nascença. Os seus discípulos perguntaram-lhe: Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Jesus respondeu: nem ele nem seus pais, mas foi para se manifestarem nele as obras de Deus." (cf. Jo 9,1-3). Jesus quis que aqueles que o acompanhavam continuassem sua missão, por isso deu a seus discípulos o dom da cura. "Então os discípulos partiram e pregaram para que as pessoas se convertessem. Expulsavam muitos demônios e curavam muitos doentes, unguendo-os com óleo" (cf. Mc 6,12s).

O Senhor ressuscita renova este envio e confirma, através de sinais realizados pela Igreja ao invocar seu nome: "Quando colocarem as mãos sobre os doentes, eles ficarão curados" (cf. Mt 16, 18).

IDÉIAS PRINCIPAIS:

1. O cristão frente à enfermidade e à morte

A morte chega inevitavelmente a cada ser humano, porque, - queiramos ou não – é o desenlace natural da existência. Normalmente, chega com a enfermidade grave ou por causa da velhice.

Para afrontar com dignidade e proveito este momento da vida, Deus socorre o cristão com a Unção dos enfermos. Este sacramento é um remédio e ajuda poderosa para saber levar com Cristo a enfermidade, sendo fortalecido com uma graça especial. Mesmo que encontre ainda em alguns fiéis uma certa resistência, já que não querem encarar a realidade da morte, a prudência cristã ensina-nos que devemos estimar e desejar este sacramento como um presente da misericórdia de Deus.

2. O significado da Unção dos Enfermos

Jesus Cristo deixou-nos um remédio salutar para toda e qualquer necessidade da vida. Este auxílio constitui um alívio espiritual e também corporal do cristão gravemente enfermo. Por este sacramento o cristão se une a Jesus Cristo para ter os mesmos sentimentos dele frente à dor e à morte.

Jesus é a razão e o fundamento deste sacramento. Assim reza a tradição apostólica quando diz: “Alguém de vós está enfermo? Chame os presbíteros da Igreja e orem sobre ele, unguendo-o com o óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o aliviará. E se tiver algum pecado, lhe será perdoado” (Tiago 5,14-15).

3. Efeitos deste sacramento

- A união do enfermo à Paixão de Cristo, para o bem próprio e de toda a Igreja;
- O consolo, a paz e o ânimo para suportar *cristamente* os sofrimentos da enfermidade ou da velhice;
- O perdão dos pecados, se não pode confessar-se e que esteja firmemente arrependido de suas culpas.
- O restabelecimento da saúde corporal, se isto for conveniente à saúde espiritual. Por isso não se deve esperar para administrar o sacramento que o enfermo esteja já em agonia; o lógico é que esteja plenamente lúcido. Sem dúvida, se já perdeu o conhecimento, tem direito a que se administre o sacramento e assim deve ser feito.
- A preparação para a passagem à vida eterna.

A propósito da Unção, é oportuno recordar que a Igreja ajuda os enfermos também com o Viático. Os bons cristãos devem preocupar-se de que os doentes recebam com frequência a Sagrada Comunhão e, se a enfermidade é grave, a modo de Viático, que significa “preparação para a viagem”: a viagem para a vida eterna.

4. Modo de se administrar este sacramento

A administração deste sacramento tem diversas cerimônias. O essencial da celebração assim como para os demais sacramentos – é a aplicação da *matéria* (óleo dos enfermos) e a *forma* (palavras que o ministro pronuncia, enquanto unge o enfermo. O sacerdote unge com o óleo abençoado (azeite de oliveira consagrado pelo bispo na quinta-feira santa, daí o nome “santos óleos”) na frente e nas mãos do enfermo, enquanto diz: “Por esta santa Unção e por sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo, para que liberto dos teus pecados, Ele te salve, e na Sua bondade, alivie os teus sofrimentos”. Responde-se: “Amém”.

5. É preciso preparar-se para a morte

Deus vem em nossa ajuda a cada momento, como Pai que nos ama e nos quer felizes na terra, e depois eternamente no céu. Ter estudado este sacramento deve fazer-nos pensar na realidade

da morte, que recorda a necessidade de viver sempre na graça de Deus, crescer na vida cristã, aceitar os sofrimentos que tenhamos nesta vida e receber com alegria a morte, sabendo que é o passo necessário para nos encontrarmos com Deus no céu.

6. PROPÓSITOS DE VIDA CRISTÃ

- Oferecer com alegria as dores e sofrimentos da vida, especialmente a enfermidade, sem medo da morte.
- Agradecer e estimar o sacramento da Unção dos enfermos, procurando avisar o sacerdote quando algum familiar ou amigo estiver gravemente enfermo.

LEMBRETES REVITALIZANTES

1. O Sacramento da Unção dos Enfermos é um sinal eficaz da graça divina comunicada a quem encontra-se em estado de saúde preocupante.

2. Pode-se conferir a Unção às pessoas idosas, cujas forças se encontrem sensivelmente debilitadas, mesmo que não se trate de grave enfermidade, e ainda a pessoas que serão submetidas a operação cirúrgica de risco.

3. A sagrada Unção pode ser dada aos doentes privados dos sentidos ou do uso da razão, desde que se possa crer que provavelmente a aceitariam, se estivessem em pleno gozo das faculdades.

4. Na doença, o homem experimenta sua impotência, seus limites e sua finitude. [...] A enfermidade pode levar a pessoa à angústia, a fechar-se sobre si mesma, e às vezes até ao desespero e à revolta contra Deus. Mas também pode tornar a pessoa mais madura, ajudá-la a discernir em sua vida o que não é essencial, para voltar-se àquilo que é essencial.

5. A Unção dos Enfermos 'não é um sacramento só daqueles que se encontram às portas da morte. Portanto, o tempo oportuno para recebê-la é certamente o momento em que o fiel começa a correr perigo de morte por motivo de doença, debilitação física ou velhice' (*Sacrosanctum concilium*, 73).

<p style="text-align: center;">O SACRAMENTO DA ORDEM: SINAL DO BOM PASTOR E DO SEU AMOR TOTAL E INDIVISO</p>

A Ordem é a dedicação. Todo dia precisamos de ajuda de outras pessoas para viver com a gente, orientar, mostrar o caminho. Essas pessoas nos ajudam a alimentar a fé, acreditar na esperança, esperar na fraternidade. Tem gente que se dedica a esse serviço. Vive para isso. O Padre é um exemplo. Dedicação por excelência, só a que Deus tem por nós. Deus se dedica tanto que chegou a confiar seu próprio filho a nós, a aceitar que ele morresse por nós. Tem gente que consagra a vida para mostrar aos irmãos esse grande amor de Deus. No sacramento da Ordem, quando o bispo impõe as mãos sobre um rapaz dedicado ao serviço dos irmãos, enxergamos a grande dedicação de Deus a nós.

A Ordem é o sacramento que torna visível a missão confiada por Cristo, a mesma que ele confiou aos seus Apóstolos. A ordem é, portanto, o sacramento do ministério apostólico. Comporta três graus: o episcopado (bispo), o presbiterado (padre) e o diaconato (diácono). Estes são os ministérios ordenados na Igreja, porque imprimem um caráter indelével (que não se apaga mais).

Além da Vocação ao ministério ordenado na Igreja temos outras vocações, seja assumindo uma vida de leigo (a) atuante na Igreja, casado ou solteiro ou na vida consagrado (a).

Na Sagrada Escritura, podemos ver os inúmeros chamados de Jesus: "Partindo dali, Jesus viu um homem chamado Mateus, que estava sentado no posto do pagamento das taxas, Disse-lhes: 'Segue-me'. O homem levantou-se e o seguiu" (Mt 9,9). Através da leitura acima, podemos perceber que Jesus com uma só palavra consegue levar Mateus, um homem pagão e rico, ao seu seguimento.

A vida sacerdotal é um dom de Deus, como o próprio nome diz (*sacer* = sagrado; *dócio* = Dom). A missão do sacerdote é ser uma "seta sinalizadora", ou seja, o sacerdote deve indicar ao povo o caminho à Cristo.

Na sucessão dos apóstolos são os diáconos, padres e bispos, chamados a dar continuidade à missão de Jesus juntamente com todo o rebanho que lhes foi confiado. O padre e o bispo foram chamados a participar do sacerdócio ministerial de Jesus Cristo, mas todos nós participamos do sacerdócio real de Jesus pelo batismo. Não devemos temer o chamado que Ele nos faz a cada dia, para segui-lo, anunciá-lo e testemunhá-lo aos irmãos. Precisamos também pela oração suplicar ao Senhor que envie operários para a sua Messe, como o próprio Senhor nos admoestou (cf. Lc 10,2; Mt 9,37s)

IDÉIAS PRINCIPAIS:

1. Todos os cristãos participam, de maneira distinta, do único sacerdócio de Cristo.

Jesus Cristo – verdadeiro e supremo sacerdote da Nova Aliança – nos reconciliou com Deus por meio do sacrifício da cruz, sendo sacerdote e vítima. Mas, tendo de continuar o sacrifício, o Senhor quis comunicar à Igreja uma participação de seu sacerdócio, que se alcança mediante o sacramento da Ordem. Esta participação singular se conhece como *sacerdócio ministerial*, que capacita para atuar na pessoa de Cristo, Cabeça da Igreja: os bispos e os presbíteros.

Mas é preciso dizer que a Igreja inteira, fundada por Cristo, é um povo sacerdotal, de modo que – pelo batismo – todos os fiéis participam do sacerdócio de Cristo. Esta outra participação chama-se *sacerdócio comum dos fiéis*.

2. O sacerdócio comum e o ministerial são essencialmente diversos

O sacerdócio ministerial difere essencialmente, não só em grau, do sacerdócio comum dos fiéis, porque confere um poder sagrado para o serviço dos irmãos. Os que receberam o sacramento da Ordem são *ministros de Cristo*, instrumentos através dos quais Ele se serve para continuar no mundo sua obra de salvação. Tal obra é levada adiante por meio do ensino (missão profética), do culto divino (missão sacerdotal) e do governo pastoral (missão real).

3. Fundamentos do sacramento

Cristo escolheu seus Apóstolos e na última Ceia instituiu o sacerdócio da Nova Aliança. Toda celebração eucarística, renovamos o sacrifício da cruz e ao mesmo tempo, fazemos valer a vontade de nosso Senhor que disse: “*Fazei isto em minha memória*” (Lc 22,19).

4. O sacerdote é um homem consagrado a Deus para sempre

Em virtude do sacramento da Ordem, o sacerdote é ministro de Cristo, *mediador* entre Deus e os homens, para elevar o culto a Deus, através da ação de graças.

Os poderes que lhe são outorgados, que nem mesmo os anjos possuem, não são passageiros, mas permanentes. As pessoas que recebem este sacramento recebem um *caráter* indelével e são sacerdotes para sempre. O caráter distingue o ordenado dos demais fiéis: participa do sacerdócio de Cristo de um modo essencialmente distinto. Junto com o *caráter* recebe outras graças na consagração sacerdotal para assemelhar-se com Cristo (*alter Christi*).

Este sacramento só pode ser recebido por homens batizados que reúnam as devidas condições.

5. Ministério dos sacerdotes

Entre os ofícios do ministério dos sacerdotes, destacamos:

- a) *Pregar a Palavra de Deus.* O sacerdote exerce este ministério quando prega a homilia dentro da Missa, ao dar catequese e em múltiplas ocasiões: meditações, retiros, aulas de formação, etc... O presbítero é o homem da Palavra, não é dono, mas servo. Ele é profeta que anuncia, denuncia e ensina as verdades do Evangelho. Neste sentido, ele cumpre sua missão profética no mundo.
- b) *Administrar os sacramentos e especialmente celebrar a Santa Missa.* É aqui que ele cumpre a sua missão sacerdotal, oferecendo sua vida a Deus, como Cristo, pela salvação do mundo. O padre deve ser um homem de fé e exemplo na intimidade com Jesus.
- c) *Guiar o povo cristão para a santidade.* Os sacerdotes têm a missão e o dever de apascentar como bons pastores a grei que lhes foi confiada pelo bispo: com a oração e a mortificação, ajudando-lhes em suas necessidades, acompanhando-lhes nos momentos difíceis e com a insubstituível tarefa da orientação espiritual, para que possam ser tirados os obstáculos que lhes impeçam de receber a graça de Deus. Aqui se cumpre o múnus (serviço) de pastor que zela por todo o rebanho.

IDÉIAS REVITALIZANTES:

1. Cristo instituiu os sacerdotes para continuar a sua obra redentora entre os homens, sobretudo oferecer o sagrado sacrifício, perdoar os pecados, pregar a palavra de Deus, e prestar serviços de caridade.
2. Como ensina o Vaticano II: os sacerdotes "vivem com os demais homens como com irmãos" exatamente como Jesus fez (PO 3). Isto significa que os sacerdotes precisam das outras pessoas, como também as outras pessoas precisam deles. Os leigos que trabalham ao lado dos sacerdotes ajudam-nos a liderar a comunidade do povo de Deus.
3. O Bispo recebe a plenitude do sacramento da ordem que o insere no Colégio episcopal e faz dele o chefe visível da Igreja particular que lhe foi confiada. Os Bispos como sucessores dos apóstolos e membros do Colégio, participam da responsabilidade apostólica e da missão de toda a Igreja, sob a autoridade do Papa, sucessor de S. Pedro.
4. Os presbíteros estão unidos aos Bispos na dignidade sacerdotal e ao mesmo tempo dependem deles no exercício de suas funções pastorais; são chamados a serem atentos cooperadores dos Bispos. Formam em torno de seu Bispo o "presbitério", que com ele é responsável pela Igreja Particular. Recebem do Bispo o encargo de uma comunidade paroquial ou de uma função eclesial determinada.
5. Os diáconos são ministros ordenados para as tarefas de serviço da Igreja. Não recebem o sacerdócio ministerial, mas a ordenação lhes confere funções importantes no ministério da Palavra, do culto divino, do governo pastoral e do serviço da caridade, tarefas que devem cumprir sob a autoridade pastoral do seu Bispo.

<p style="text-align: center;">O SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO: UMA ALIANÇA DE VIDA E DE AMOR</p>

O Matrimônio é o sacramento que torna visível o amor de Deus na doação e na comunhão de vida de duas pessoas. Ninguém consegue viver sem a presença e a amizade de outras pessoas. Ninguém está sozinho. No casamento, essa amizade é repartida entre o marido e a mulher: é repartida entre o casal e os filhos, e com a comunidade onde vivem.

Deus nos fez para a felicidade, não nascemos para viver sozinho, mas sim com uma companhia. Como testemunha o projeto da criação: "o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher e os dois já não serão dois, mas uma só carne" (Gn 2, 24).

O Matrimônio é o sacramento de serviço (junto com a Ordem), porque se constrói na doação total ao outro e à Deus, constituindo com a comunidade a extensa família cristã.

Hoje, o matrimônio também vem sendo banalizado na boca dos que dizem: "Se não der certo, nos separamos". O matrimônio não pode ser vivido como se fosse algo qualquer, ele é uma instituição sagrada.

O Matrimônio e a Ordem são sacramentos do serviço eclesial: enquanto que a missão do sacerdote é a de direcionar o povo no caminho de Deus, a missão do casal é a direcionar a família no caminho da santidade e do amor fraterno. É através do Matrimônio que nascem as vocações para o serviço na Igreja.

A grande prova da falta de preparo de muitos casais nos dias de hoje, são os inúmeros casamentos que não dão certo. O divórcio é não está nos planos de Deus. Ele é atentado contra a unidade e a indissolubilidade do sacramento do matrimônio.

a) O sacramento do matrimônio: a graça plenifica a natureza

O casamento é fonte de comunhão de amor entre o homem e a mulher. Segundo João Paulo II, "o matrimônio dos batizados torna-se o símbolo real da Nova e Eterna Aliança, selada no Sangue de Cristo. O Espírito, que o Senhor infunde, dá um coração novo e torna o homem e a mulher capazes de se amarem, como Cristo nos amou. O amor conjugal atinge a plenitude para a qual está interiormente ordenado: a caridade conjugal, que é o modo próprio e específico com que os esposos participam e são chamados a viver a mesma caridade de Cristo que Se entrega sobre a Cruz" (FC 13).

Sendo a própria realidade humana do casamento o sinal sacramental do matrimônio, os esposos cristãos, por força do seu batismo, celebram o sacramento, de que são ministros, ao ritmo da vivência da sua união conjugal, vivida na generosidade e na fidelidade. É um sacramento de celebração contínua, o que ajuda os esposos cristãos a dar à sua vida conjugal uma dimensão de celebração e de louvor. A sua vida torna-se liturgia. "O matrimônio cristão, como todos os sacramentos que estão ordenados à santificação dos homens, à edificação do Corpo de Cristo e a prestar culto a Deus é, em si mesmo, um ato litúrgico de louvor a Deus, em Jesus Cristo e na Igreja: celebrando-o, os esposos cristãos professam a sua gratidão a Deus pelo dom sublime que lhe foi dado de poder reviver na sua existência conjugal e familiar, o mesmo amor de Deus pelos homens e de Cristo pela sua esposa" (FC 13).

A família, a partir da graça do sacramento, torna-se, realmente, uma "igreja doméstica". É São Paulo que faz a síntese entre estes dois momentos de um mesmo mistério: "*Eis que o homem deixará o seu pai e a sua mãe para se unir à sua mulher e os dois formarão uma só carne. Este é um mistério de grande alcance, porque se aplica a Cristo e à Igreja*" (Ef. 5,31-32). Isto é possível porque os cônjuges cristãos, antes de serem o corpo um do outro, fazem ambos parte do Corpo de Cristo. São Paulo, afirmando que, com o Seu corpo, Cristo se une à Igreja, pergunta: "*E nós, não somos membros do Seu Corpo?*" (Ef. 5,29-30).

É por isso que, na vida de um casal cristão, a Eucaristia, enquanto comunhão com Cristo, é um momento tão importante, como a sua própria união conjugal. É o que salienta o magistério da Igreja: "O dever de santificação da família tem a sua primeira raiz no batismo e a sua expressão máxima na Eucaristia, à qual está intimamente ligado o matrimônio cristão. (...) Redescobrir e aprofundar essa relação é absolutamente necessário, se quiserem compreender e viver com maior intensidade as graças e responsabilidades do matrimônio e da família cristã. A Eucaristia é a fonte mesma do matrimônio cristão" (FC 13).

A graça específica do sacramento é o aprofundamento da comunhão conjugal, como autêntica vivência da caridade e participação no amor com que Cristo ama a Igreja. Isto supõe a generosidade do dom, a vitória sobre todas as tentações de egoísmo e de auto-procura, a vivência do próprio corpo como sinal de dom e de comunhão e não como busca de si mesmo. No amor conjugal o próprio prazer é oferecido ao outro, na busca de uma plenitude de comunhão.

Esta graça sacramental ajudará à revelação mútua dos cônjuges, ao respeito pela identidade e dignidade de cada um, à ajuda mútua e fraterna; ensina a perdoar e a acreditar, em cada momento, que o amor é possível, atraídos pela comunhão definitiva no Reino dos Céus.

Outro aspecto da graça própria deste sacramento é a sua fecundidade eclesial. A comunhão verdadeira entre os esposos prolonga-se na construção da comunidade familiar, como autêntica comunhão de vida e de amor e na edificação da Igreja como mistério de comunhão e esposa de Cristo. Há uma fecundidade apostólica no amor conjugal. Mas nisso falaremos no próximo domingo.

IDÉIAS PRINCIPAIS:

1. O matrimônio no paraíso terrestre

De modo poético, o livro do Gênesis ensina que Deus concedeu ao ser humano, homem e mulher, o dom de administrar e de dar vida a tudo: *“Homem e mulher os criou, e Deus os abençoou dizendo-lhes: Crescei e multiplicai-vos e enchei a terra”* (Gn 1,27-28). O matrimônio tem seu sentido porque se abre para a geração da vida e para romper com todo tipo de solidão: *“não é bom que o homem esteja só, vou fazer-lhe uma ajuda semelhante a ele”* (Gn 2,18).

O matrimônio é algo sagrado por sua mesma natureza, e os esposos são colaboradores de Deus participando do poder divino de transmitir, cuidar e zelar da vida.

2. O matrimônio, sacramento cristão

Elevado à dignidade de sacramento, o matrimônio, entre cristãos, é a imagem da união de Jesus Cristo com sua Igreja.

O matrimônio, tanto na condição de instituição natural como na de sacramento cristão, está revestido de duas propriedades essenciais: *a unidade e a indissolubilidade*.

Unidade quer dizer que o matrimônio é a união de um só homem com uma única mulher: *“Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá à sua mulher, e serão os dois uma só carne”* (Gênesis 2,24).

Indissolubilidade quer dizer que o vínculo conjugal não pode desatar-se nunca: *“O que Deus uniu o homem não o separe”*, diz o evangelho (Mt 19,6; 5,32; Lc 16,18). O divórcio não é da vontade de Deus. Ele deseja a comunhão. E essa comunhão perdura até que morte os separe.

3. Efeitos do sacramento do matrimônio

O sacramento do matrimônio aumenta a graça santificante naqueles que o recebem. É necessário recebê-lo, pois, em estado de graça, estando bem preparado (a).

Também comunica os auxílios especiais que os esposos necessitam para santificar-se dentro do matrimônio, para educar seus filhos e cumprir os deveres que contraem ao casar-se. Estes deveres são para com eles mesmos: amar, respeitar, cuidar, perdoar, guardar a fidelidade e ajudar-se mutuamente.

Os ministros do sacramento são os mesmos contraentes (noivo e a noiva). Contudo, deve ser celebrado perante o assistente eclesiástico e testemunhas.

4. O matrimônio, caminho de santidade

O sacramento do matrimônio concede aos esposos as graças necessárias para que se santifiquem e santifiquem os outros. É dever de toda a família – também dos filhos – facilitar este clima humano e cristão, através do qual se consegue que os lares sejam luminosos e alegres, sacrificando-se para se obter as virtudes e os valores cristãos de uma família que começou santificada e que continua recebendo as bênçãos do Senhor.

UM FATO QUE FAZ PENSAR

“Falava uns dias atrás com um amigo, um pouco mais velho do que eu. Na conversa, apareceram coisas de quando éramos pequenos. Um pouco emocionado me disse: Ainda recordo quando, sendo criança, minha mãe dava-me um beijo antes de dormir, depois de ajudar-me a rezar as orações da noite. Eu vivia contente e feliz por sentir-me amado por minha mãe. Meu pai também tinha detalhes que me agradavam muito. No inverno, junto ao fogo, sentava-me em seu colo. Então, contava-me muitas coisas de suas viagens, de quando era jovem e o quanto teve que trabalhar para levar adiante sua vida. Recordo aqueles momentos com muitas saudades. Ficava esperando meu pai voltar do trabalho, com a expectativa de que me contasse muitas histórias...

E como estão seus pais, agora?, perguntei-lhe. Estão muito velhos, me disse. Minha mãe está bem doente, já não se levanta mais da cama. Os dois vivem comigo. Meu pai, quando estou no trabalho, cuida dela com todo o amor e carinho”.

O amor destes pais para com seu filho, e os detalhes de amor que tinham entre si, nos faz pensar na grandeza do sacramento do Matrimônio. Sabemos agradecer o que nossos pais fazem ou já fizeram por nós? Nós os ajudamos em suas necessidades? Procuramos tornar a vida mais agradável para eles? Lembramos de rezar por eles todos os dias?